



TRANSTORNO DE ANSIEDADE NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATUR

Rafael Leituga de Carvalho Cavalcante¹, Ana Camila Prestes Mota², Eduarda Azambuja Aguirre³, Dennis Russely de Vasconcelos Lima⁴, Renata de Alencar Nogueira⁵, Ronaldo Sérgio Siqueira Paiva Filho⁶, Isabella Theresa Sathler⁷, Marya Eduarda Fontes Laboissiere⁸, Alcione Barbosa Viana Filho⁹, José Arthur de Sousa Ferreira¹⁰, Natalie Biancovilli Eskelsen¹¹, Francesca da Rocha Rosa Martins¹², Elisa Cristina Ferreira¹³, Joaquim Miguel Neto¹⁴.



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n12p2126-2134>

Artigo recebido em 27 de Outubro e publicado em 17 de Dezembro

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

Introdução: Os transtornos de ansiedade (TAs) na infância estão entre as condições psiquiátricas mais comuns e podem trazer consequências graves ao desenvolvimento emocional, social e acadêmico se não tratados precocemente. Originados por uma interação de fatores genéticos, ambientais e experiências de vida, esses transtornos têm impactos duradouros, mas podem ser atenuados por intervenções precoces e estratégias preventivas. Esta revisão analisa evidências sobre TAs na infância, destacando abordagens preventivas e avanços na área. **Metodologia:** Este estudo utilizou uma revisão integrativa para sintetizar e analisar criticamente as evidências sobre transtornos de ansiedade na infância, com busca em bases renomadas de artigos. **Resultados e Discussão:** Os transtornos de ansiedade na infância, com prevalências entre 4,2% e 10%, afetam o funcionamento social, acadêmico e emocional, sendo associados a déficits cognitivos em memória, atenção e linguagem. Esses prejuízos podem intensificar dificuldades escolares e sociais, especialmente em casos mais severos ou com comorbidades. Programas preventivos, como o FRIENDS, demonstram eficácia significativa na redução de sintomas. **Considerações Finais:** Os transtornos de ansiedade na infância têm alta prevalência e causam impactos significativos no desenvolvimento infantil. Intervenções precoces e estratégias preventivas, como programas baseados em terapia cognitivo-comportamental, são essenciais. Pesquisas regionais são necessárias para promover avanços no manejo desses transtornos e reduzir seus impactos a longo prazo.

Palavras-chave: Ansiedade; Infância; Adolescência.

CHILDHOOD ANXIETY DISORDER: A LITERATURE REVIEW

Abstract

Introduction: Anxiety disorders (ADs) in childhood are among the most common psychiatric conditions and can have serious consequences for emotional, social and academic development if not treated early. Originated by an interaction of genetic, environmental factors and life experiences, these disorders have lasting impacts, but can be mitigated by early interventions and preventive strategies. This review analyzes evidence on EDs in childhood, highlighting preventive approaches and advances in the area. **Methodology:** This study used an integrative review to synthesize and critically analyze the evidence on childhood anxiety disorders, searching renowned article databases. **Results and Discussion:** Anxiety disorders in childhood, with prevalence rates between 4.2% and 10%, affect social, academic and emotional functioning, being associated with cognitive deficits in memory, attention and language. These losses can intensify academic and social difficulties, especially in more severe cases or with comorbidities. Preventive programs, such as FRIENDS, demonstrate significant effectiveness in reducing symptoms. **Final Considerations:** Anxiety disorders in childhood have a high prevalence and cause significant impacts on child development. Early interventions and preventive strategies, such as programs based on cognitive behavioral therapy, are essential. Regional research is necessary to promote advances in the management of these disorders and reduce their long-term impacts.

Keywords: Anxiety; Infancy; Adolescence.

Instituição afiliada – ¹Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, ²Afya Faculdade de Ciências Médicas de Abaetetuba, ³Universidad privada del este, ⁴CEUMA, ⁵Uninovafapi, ⁶Faculdade Nilton Lins, ⁷Afya Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga, ⁸UNIPTAN, ⁹IESVAP, ¹⁰Afya Faculdade de Ciências Médicas de Jaboatão, ¹¹Faculdade de Ciências Médicas de Sao Jose dos Campos- Humanitas, ¹²Unicesumar, ¹³Afya faculdade de ciências médicas do Vale do aço, ¹⁴Universidade Do Estado De Mato Grosso.

Autor correspondente: Rafael Leituga de Carvalho Cavalcante, rafael@docrafaleituga.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Os transtornos de ansiedade (TAs) na infância são reconhecidos como uma das condições psiquiátricas mais prevalentes entre crianças e adolescentes, ficando atrás apenas do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e do transtorno de conduta. Ademais, quando não diagnosticados e tratados precocemente, podem trazer consequências significativas para o desenvolvimento emocional, social e acadêmico, além de aumentar o risco de evolução para outras condições psiquiátricas na vida adulta.

De acordo com o DSM-IV, tais transtornos englobam a ansiedade de separação, fobias específicas, transtorno de ansiedade generalizada e ansiedade social, entre outros. Estudos epidemiológicos indicam prevalências que variam de 12% a 20% em diferentes contextos populacionais, demonstrando a relevância do problema em termos clínicos e sociais.

Historicamente, a ansiedade na infância era vista como uma resposta natural a estímulos ameaçadores, mas apenas no final do século XIX e início do século XX passou a ser reconhecida como um componente potencialmente patológico, quando excessiva ou desadaptativa. Hoje, é amplamente compreendido que os transtornos de ansiedade resultam da interação entre fatores genéticos, ambientais e experiências de vida, e que intervenções precoces podem atenuar significativamente seus efeitos a longo prazo.

Estes transtornos estão associados a uma ampla gama de consequências, como dificuldades no desempenho acadêmico, prejuízos nas relações sociais e baixa autoestima. Além disso, comportamentos ansiosos não tratados na infância podem se agravar ao longo do desenvolvimento, acarretando impactos duradouros no bem-estar emocional e funcional.

Embora intervenções terapêuticas sejam fundamentais para tratar a ansiedade já instalada, a literatura destaca a importância de estratégias preventivas, especialmente aquelas que adotam uma abordagem universal, que tem objetivo fortalecer fatores protetores e minimizar riscos.

Diante disso, esta revisão de literatura busca analisar as evidências disponíveis



sobre transtornos de ansiedade na infância, com foco em abordagens preventivas e os principais avanços na área. Por meio de uma análise contextualizada, pretende-se contribuir para uma maior compreensão sobre a importância do reconhecimento e manejo adequado desses quadros na prática clínica.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo baseia-se em uma revisão integrativa, que visa sintetizar e analisar criticamente as evidências disponíveis na literatura sobre os transtornos de ansiedade na infância. Essa abordagem permite reunir informações provenientes de diferentes estudos, com distintas metodologias, para fornecer uma visão abrangente e fundamentada sobre o tema. O processo metodológico incluiu a formulação da questão de pesquisa, busca na literatura, seleção dos estudos, extração e análise dos dados, síntese dos resultados e elaboração das conclusões.

A busca na literatura foi conduzida em bases de dados renomadas, como PubMed, SciELO e Google Acadêmico, utilizando uma combinação de palavras-chave relacionadas ao tema, como “transtornos de ansiedade”, “infância” e “adolescência”. Foram selecionadas literaturas publicadas entre 2000 e 2023, nos idiomas português e inglês, seguindo critérios de inclusão que consideravam a relevância, originalidade e contribuição para o entendimento desses transtornos psiquiátricos na população pediátrica.

Como se trata de uma revisão integrativa que não envolveu a participação direta de seres humanos, não foi necessário submeter o protocolo ao Comitê de Ética em Pesquisa. Essa metodologia permitiu uma análise detalhada dos estudos acerca da ansiedade, um distúrbio tão prevalente, na população pediátrica, contribuindo para a elaboração de políticas de intervenção que busquem melhorar a qualidade de vida da população que sofre com esses transtornos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das investigações apontam que os transtornos de ansiedade na infância são prevalentes, com taxas variando entre 4,2% e 10% em populações infantis brasileiras, dependendo do tipo de transtorno analisado, como ansiedade generalizada, ansiedade de separação e fobia social (Santos et al, 2022 e Sbicigo et al, 2020). A ansiedade de separação, por exemplo, afeta de 3% a 5% das crianças em idade escolar, enquanto o transtorno de ansiedade generalizada apresenta prevalência estimada em até 4,2% em amostras populacionais. A fobia social, frequentemente diagnosticada durante a adolescência, é associada a um impacto significativo no funcionamento social e acadêmico, com taxas que variam de 1% a 13,1% (Cunha, 2006).

A literatura aponta que o transtorno de ansiedade de separação é mais comum em crianças de 7 a 9 anos, sendo as principais manifestações o medo intenso de separação dos cuidadores, preocupações excessivas com a segurança dos pais e sintomas somáticos, como dor de cabeça e náuseas. Estudos destacam que até 50% dos casos apresentam comorbidade com outros transtornos, como TAG e depressão (Vianna et al, 2009)

O transtorno de ansiedade generalizada (TAG), por sua vez, é caracterizado por preocupações excessivas e persistentes que afetam diversas áreas da vida. Em crianças e adolescentes, os sintomas somáticos, como tensão muscular e fadiga, são comuns e podem prejudicar o funcionamento acadêmico e social. O transtorno de ansiedade social (TAS) é frequentemente associado a dificuldades escolares e prejuízos nas habilidades sociais. Estudos relatam que crianças com TAS evitam situações de interação social, como apresentações escolares ou trabalhos em grupo, o que pode comprometer o desempenho acadêmico e as relações interpessoais (Vianna et al, 2009).

A ansiedade, quando severa, está associada a déficits significativos em domínios cognitivos essenciais para o desenvolvimento acadêmico, incluindo memória de trabalho visuoespacial, memória semântica, linguagem oral e escrita, além de fluência verbal semântica. Esses déficits cognitivos afetam diretamente a capacidade



de aprendizado, sendo observadas dificuldades em processos como leitura, escrita e compreensão inferencial, especialmente em crianças com maior gravidade de sintomas ou com múltiplos diagnósticos de transtornos de ansiedade. Cerca de 44% das crianças avaliadas em um dos estudos apresentaram baixo desempenho em escrita de palavras, enquanto outras enfrentaram desafios em tarefas de memória episódica e atenção sustentada, indicando a relevância de intervenções precoces para minimizar esses impactos (Sbicigo, 2020).

Além disso, os déficits na memória de trabalho, descrita como um sistema central para o armazenamento e manipulação temporária de informações, são especialmente críticos. Crianças com transtornos de ansiedade demonstram desempenho inferior em tarefas de memória que envolvem a capacidade de reorganizar informações, indicando uma possível disfunção no processamento executivo e atenção (Santos et al, 2022 e Sbicigo et al, 2020).

Por fim, a relação bidirecional entre ansiedade e dificuldades acadêmicas é destacada. Crianças ansiosas podem apresentar desempenho acadêmico inferior devido à distração causada por pensamentos ansiosos, enquanto experiências repetidas de fracasso escolar podem intensificar os sintomas ansiosos (Sbicigo et al, 2020).

Tendo em vista o tratamento dessas condições programas de prevenção universal, como o FRIENDS, têm demonstrado eficácia significativa na redução de sintomas de ansiedade em crianças e adolescentes. Estudos realizados principalmente em países como Austrália, Alemanha e Estados Unidos indicam que intervenções baseadas em terapia cognitivo-comportamental têm resultados promissores. Em um programa específico, observou-se uma redução estatisticamente significativa nos sintomas ansiosos em mais de 80% dos participantes, com efeitos sustentados por até 12 meses após o término da intervenção.

No entanto, destaca-se a escassez de estudos realizados na América Latina, incluindo o Brasil, onde as pesquisas sobre prevenção de ansiedade em nível universal são praticamente inexistentes. A ausência de investigações locais limita a adaptação cultural dessas intervenções e o desenvolvimento de políticas públicas eficazes para a população brasileira.

Os dados também sugerem que programas preventivos são mais frequentemente implementados em escolas e se forem desenvolvidos com períodos de seguimento superiores a 12 meses tendem a demonstrar maior impacto na prevenção de sintomas de ansiedade ao longo do desenvolvimento infantil devido à possibilidade de alcançar uma grande diversidade de crianças, com menor custo e maior potencial de sustentabilidade (Fernandes, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados, conclui-se que os transtornos de ansiedade na infância representam uma preocupação crescente devido à sua prevalência significativa e aos impactos multifacetados no desenvolvimento infantil. Os transtornos como a ansiedade de separação, ansiedade generalizada e fobia social manifestam-se com características específicas, envolvendo sintomas somáticos, dificuldades sociais e prejuízos acadêmicos. A comorbidade com outros transtornos, como depressão e ansiedade generalizada, intensifica os desafios enfrentados pelas crianças e suas famílias. Esses transtornos são frequentemente associados a déficits cognitivos em domínios como memória de trabalho, atenção e linguagem, os quais comprometem diretamente o aprendizado e o desempenho escolar.

Os déficits cognitivos relacionados à ansiedade infantil, como dificuldades em reorganizar informações, manter o foco e realizar tarefas de leitura e escrita, destacam a importância de intervenções precoces. As crianças com maior gravidade dos sintomas ou múltiplos diagnósticos apresentam maiores dificuldades acadêmicas, o que reforça a necessidade de atenção clínica para minimizar os impactos a longo prazo. Além disso, a relação bidirecional entre dificuldades acadêmicas e sintomas ansiosos exige estratégias que integrem suporte pedagógico e psicológico no contexto escolar.

A relevância deste estudo está em evidenciar a necessidade de programas preventivos e intervenções que considerem tanto o contexto cultural quanto as especificidades dos transtornos de ansiedade na infância. Intervenções baseadas em terapia cognitivo-comportamental, como o programa FRIENDS, demonstraram eficácia significativa na redução de sintomas de ansiedade, mas ainda são pouco exploradas em países da América Latina, como o Brasil. Dada a escassez de estudos locais, é imperativo desenvolver pesquisas regionais que possibilitem a criação de políticas públicas adaptadas às realidades culturais e sociais brasileiras. Dessa forma, espera-se que os avanços no campo contribuam para o desenvolvimento saudável das crianças e reduzam os impactos negativos desses transtornos ao longo da vida.

REFERÊNCIAS



- VIANNA, Renata Ribeiro Alves Barboza *et al.* Transtornos de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 5, n. 1, p. 46-61, 2009.
- FERNANDES, Luan Flávia Barufi *et al.* Prevenção universal de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão sistemática. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 3, p. 83-99, 2014.
- CUNHA, Marina. Ansiedade e perturbações de ansiedade na infância e adolescência: uma revisão teórica. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 10, 2006.
- SANTOS, Havanny Siqueira *et al.* Transtorno de ansiedade na infância: alterações cognitivas e os impactos na aprendizagem escolar da terceira infância. **Psicologias em Movimento**, v. 2, n. 1, p. 105-116, 2022.
- SBICIGO, Juliana B. *et al.* Memory and language impairments are associated with anxiety disorder severity in childhood. **Trends in psychiatry and psychotherapy**, v. 42, n. 2, p. 161-170, 2020.